

COLEÇÃO
HERMENÊUTICA, TEORIA DO
DIREITO E ARGUMENTAÇÃO

Coordenador: Lenio Luiz Streck

Victor Bianchini Rebelo

A pena é uma poderosa espada

O contextualismo linguístico
de Quentin Skinner e a
questão do método na
historiografia (jurídica)

2024

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

CONTEXTUALIZANDO O CONTEXTUALISMO: BASES FILOSÓFICAS DO “GIRO CONTEXTUAL” EM CAMBRIDGE

Falar é sobretudo dar algum outro poder sobre nós e alguns afirmam esse poder se recusando a falar de todo modo, a falar compreensivamente ou (na medida do possível) dentro de qualquer estrutura de referência que eles não podem descrever unilateralmente. Um autor que queima seus manuscritos em seu leito de morte está recusando à posteridade o poder de interpretá-lo. O Humpty Dumpty de Alice existiu como o equivalente linguístico do estado de natureza hobbesiano.¹⁵

(J. G. A. Pocock)

O século XX representou, especialmente nas décadas que compreendem os anos de 1920 e 1930, uma reviravolta “copernicana” para a filosofia. Compreender essa reformulação é condição de possibilidade para entender o que passaria a ser proposto por Quentin Skinner e seus pares em Cambridge a partir dos anos 1960. Queremos dizer que o “giro

15. “To speak at all is to give some other power over us, and some assert their own power by refusing to speak at all, to speak intelligibly or (so far as this is possible) within any frame of reference they cannot unilaterally prescribe. An author who burns his manuscripts on his death-bed is refusing posterity the power which comes of interpreting him. Alice’s Humpty Dumpty existed in the linguistic equivalence of a Hobbesian state of nature.” POCOCK, J. G. A. **Politics, Language and Time: Essays on Political Thought and History**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989 [1971]. p. 24.

contextual” em Cambridge originado pelas novas metodologias propostas pelos teóricos associados a essa “escola” só foi possível graças a um “primeiro giro”,¹⁶ considerado fundamental e revolucionário na história da filosofia, que provocou mudanças paradigmáticas.

O chamado *linguistic turn* é caracterizado dessa maneira como uma “reviravolta”, pois determinou uma ruptura no filosofar, onde a linguagem deixou de ser vista como instrumento ou ferramenta à disposição do sujeito (filósofo; pensante) e o objeto (pensado), paradigma que reinava desde o racionalismo cartesiano, passando a ser reconhecida como “condição de possibilidade para a própria constituição do conhecimento enquanto tal”.¹⁷ Isso só ocorreu porque algo de muito particular aconteceu: uma fixação de novas possibilidades filosóficas a partir de rupturas e ameaças sociais reais que aconteciam cotidianamente, no plano daquilo que futuramente seria, em uma linguagem hermenêutica, chamado de facticidade.

O início do século XX foi marcado pela Grande Guerra, um feito de proporções históricas inimagináveis até então, com consequências também sem precedentes. O teórico literário Terry Eagleton afirma que neste período histórico “a ciência parecia haver minguado a um positivismo estéril” e as ideologias e os valores culturais que haviam dominado a ordem social de que deles dependiam “também estavam em profunda agitação”. Em suma, conforme o autor “a Europa estava em ruínas”.¹⁸ Mas apesar de o pensamento científico ter caído neste “positivismo estéril”, a filosofia parecia seguir os mesmos passos e se aproximar cada vez mais de uma posição servil à ciência.

Desde a virada do século XX, a filosofia passava por uma transformação que tornava a metafísica uma área sistematicamente rechaçada. A doutrina que liderava a defesa dessa mudança no filosofar era o neopositivismo lógico. A ideia central do neopositivismo, que veio a

16. Lenio Streck articula que um primeiro giro linguístico aconteceu a partir dos desenvolvimentos dos filósofos Johann Georg Hamann (1730-1788), Johan Gottfried von Herder (1744-1803) e Wilhelm von Humboldt (1767-1835), sendo eles precursores do rompimento com o paradigma da filosofia da consciência. Essas fontes serão, posteriormente, resgatadas por Gadamer na construção de sua hermenêutica-filosófica. Cf. STRECK, Lenio Luiz. **Hermenêutica jurídica e(m) crise**: uma exploração hermenêutica da construção do direito. 2. ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999. p. 127-132.

17. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea. *op. cit.* p. 128.

18. “Science seemed to have dwindled to a sterile positivism”; “The ideologies on which that order had customarily depended, the cultural values by which it ruled, were also in deep turmoil”; “[...] Europe lay in ruins, [...]”. EAGLETON, Terry. **Literary Theory**: An Introduction. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 1996. p. 47. Tradução livre.

ser associado fundamentalmente com um agrupamento de filósofos do chamado Círculo de Viena, era a de contrapor a filosofia com qualquer fundamento “vazio” da metafísica e aproximar ao máximo a filosofia das verdades empíricas, sustentadas cientificamente.¹⁹ Essa doutrina ficou conhecida primordialmente pelos estudos de Rudolf Carnap (1891-1970), filósofo austríaco radicado no Círculo de Viena, mas que posteriormente, já estabelecido como professor nos Estados Unidos, ficou conhecido por ser um expoente da linhagem de pensamento filosófico chamada de “analítica”,²⁰ que até hoje figura como uma das correntes filosóficas mais evidentes da tradição anglófona.

Se hoje há muita polêmica sobre as origens da filosofia analítica e sobre se ainda faz sentido se falar em uma divisão entre “analíticos e continentais”,²¹ a origem da própria filosofia analítica no Círculo de Viena a partir de Carnap, aliada a suas intenções, pode nos ajudar a refletir sobre os caminhos posteriores da história da filosofia e por que afinal tudo o que estava sendo discutido naquela época se resumia a uma palavra: linguagem.

Tudo que passou a ser discutido na filosofia do início do século XX tinha algo a ver com a linguagem. Se os adeptos do neopositivismo queriam “abolir a metafísica” da filosofia, era porque eles acreditavam que todo problema de filosofia era, no fundo, “um problema de análise lógica da linguagem.” O empirismo, portanto, assumia protagonismo como “redescoberta” da filosofia a partir da fundamentação teórica da ciência. Como Manfredo Araújo de Oliveira chama “critério da verdade do neopositivismo”, o princípio da verificação parte do seguinte pressuposto: “somente sentenças de conteúdo podem ser verdadeiras ou falsas”.²² Essa conclusão, no entanto, só pôde ser obtida pelos teóricos de Viena a partir da leitura de um livro revolucionário para a época, que inspirou Carnap: *O Tractatus Logico-Philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein (1889-1951).²³

19. Sobre detalhes do Círculo de Viena, cf. EDMONDS, David. **The murder of professor Schlick: the rise and fall of the Vienna Circle**. Princeton, NJ.: Princeton University Press, 2020.

20. EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de mágicos: a grande década da filosofia: 1919-1929**. Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2019. p. 27.

21. PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 171-173.

22. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea. *op. cit.*, p. 80; 86.

23. WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de D. F. Pears e B. F. McGuinness. Com introdução de Bertrand Russell. 2. ed. London: Routledge, 2001 (Routledge Classics).

Muito há de ser dito sobre um livro como o *Tractatus*, mas se ousássemos resumir toda a sua complexidade em uma frase, seria a seguinte: “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”,²⁴ que aparece em seu prefácio. O objetivo central do *Tractatus* de Wittgenstein é demonstrar *linguisticamente* que muitas das indagações que perduraram por séculos (e milênios) na história da filosofia, muitas vezes não passavam de falsos enigmas. “O mundo existe?”, pergunta Descartes, a partir do pressuposto da constituição de sentido subjetivo humano. Wittgenstein responde: “[p]ara uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão”.²⁵ O enigma — assim como tantos outros da filosofia moderna — seria, portanto, falso.

A filosofia por trás do *Tractatus* é uma tentativa de ampliação (que posteriormente se traduziria em superação) do empirismo lógico, argumento filosófico trabalhado em diversas partes da Europa no início do século, em especial pelos teóricos de Viena. Nesse primeiro momento de sua filosofia há uma convergência nas ideias do que defendiam Wittgenstein e seu mentor à época, Bertrand Russell (1872-1970), a partir do conceito de atomismo lógico. Apesar de Wittgenstein não utilizar o conceito expressamente em sua primeira obra, seu acordo teórico com Russell é reconhecido pela literatura a partir dos seis seguintes pressupostos: (i) toda proposição contém uma análise final que revela uma “função de verdade” para todas as proposições elementares;²⁶ (ii) essas proposições elementares afirmam “estados de coisas atômico”;²⁷ (iii) proposições elementares são mutualmente independentes — cada uma delas pode ser verdadeira ou falsa, independentemente da falsidade ou verdade das demais;²⁸ (iv) proposições elementares são combinações imediatas de símbolos semânticos simples, ou “nomes”;²⁹ (v) “nomes” são referidos como coisas totalmente desprovidas de complexidade, assim

24. “[W]hat can be said at all can be said clearly, and what we cannot talk about we must pass over in silence.” *Ibid.*, p. 3. Tradução de Cláudia Abeling in EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de mágicos**. op. cit., p. 19.

25. “When the answer cannot be put into words, neither can the question be put into words. The riddle does not exist. If a question can be framed at all, it is also possible to answer it.” WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. op. cit., p. 88 (§6.5). Grifo do autor. Tradução de Cláudia Abeling in EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de mágicos**. op. cit., p. 95.

26. WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. op. cit., p. 15 (§3.25); p. 36 (§4.221); p. 43 (4.51; §5).

27. *Ibid.*, p. 15 (§3.25); p. 36 (§4.21).

28. *Ibid.*, p. 36 (§4.211); p. 46 (§5.134).

29. *Ibid.*, p. 36 (§4.221).

chamadas de “objetos”;³⁰ e (vi) estados de coisas atômicos são cominações desses objetos.³¹⁻³²

Com o atomismo e a análise lógica, a possibilidade de superação da metafísica encontra no primeiro Wittgenstein um marco definitivo. Por isso o Círculo de Viena tinha tanto interesse em se aproximar daquele que, na visão dos “discípulos”, seria seu “mestre”. Wittgenstein, entretanto, não se mostrou tão animado com a ideia. Sua personalidade sempre transpareceu, aos olhos de comentadores e biógrafos, como difícil de decifrar, mas havia definitivamente um “dever” com a coerência: após ter escrito um livro que, em sua opinião, “resolvia as questões da filosofia”, Wittgenstein decidiu por abandonar qualquer pretensão acadêmica e viver uma vida simples como professor primário no interior da Áustria.³³

Seu temperamento difícil, contudo, o impediu de seguir esse rumo. Um caso afamado de agressão a um aluno da escola onde lecionava o fez abandonar a cidade interiorana onde vivia e voltar a Viena, para junto da família, onde curiosamente ele iria trabalhar no projeto arquitetônico da casa de uma de suas irmãs.³⁴ É nesse contexto que um dos líderes do Círculo, o professor Moritz Schlick (1882-1936), da faculdade de filosofia de Viena, decide por tentar a sorte e pedir uma audiência com Wittgenstein e seu grupo. O encontro finalmente acontece no verão de 1927, mas em termos opostos aos idealizados pelos discípulos.

A mensagem central que Wittgenstein passa aos membros do Círculo é: “não tenho método. Não existe *a* questão, muito menos a resposta. Se vocês acham que entenderam, isso mostra apenas que, na verdade, não entenderam nada.” O momento foi de perplexidade. Aquilo que era esperado: o encontro do grupo com seu mestre se mostrou um fiasco: a linha de argumentação de Wittgenstein era “idiossincrática” e seu encontro deixou claro que seu pensamento não se alinhava de forma alguma com o empirismo lógico. “Não sou seu mestre.”³⁵ O recado estava claro.

30. *Ibid.*, p. 7 (§2.02); p. 15 (§3.22).

31. *Ibid.*, p. 5 (§2.01).

32. A compilação de citações acima foi retirada de PROOPS, Ian. Wittgenstein's Logical Atomism. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=wittgenstein-atomism>. Acesso em: 25 abr. 2023 (Fall 2022 Edition).

33. Cf. MONK, Ray. **Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius**. London: Vintage, 1991.

34. EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de mágicos**. *op. cit.*, p. 305-306.

35. *Ibid.*, p. 319-321.

Essa anedota na história da filosofia se tornou tão famosa justamente pelos debates que foram gerados a partir da interpretação de Wittgenstein por aqueles que, de certa maneira, se sentiram inspirados por sua obra. O momento ilustra historicamente como encontros e narratividade, aspectos centrais do conceito de historicidade, importam para o pensamento.

O encontro de Wittgenstein com o Círculo de Viena gerou consequências como as disputas interpretativas sobre o *Tractatus*, mas já dava sinais do que Wittgenstein estaria preparando em sua próxima obra, *Investigações Filosóficas*, que representaria uma ruptura com seu pensamento original, e alavancaria o status da linguagem não mais como um instrumento lógico (sintático ou semântico), que daria sustentação aos problemas solucionáveis (empíricos) da filosofia, mas sim como uma mediação intersubjetiva da própria existência humana.

Esse caráter especulativo da linguagem passa a configurar as raízes da reviravolta linguístico-pragmática, onde a linguagem deixa de ser objetiva para ser formadora do *agir* e do *ser* humano. Dessa maneira, o pensamento wittgensteiniano vai se aproximando do que Heidegger, anos antes, em *Ser e Tempo*, havia começado a debater com os conceitos de *diferença ontológica* entre Ser e ente e o próprio *Dasein*, o ser-aí, o elemento exclusivo do ser-humano, rompedor do sentido subjetivista e solipsista da metafísica clássica e moderna (filosofia da consciência) e condição de possibilidade da compreensão.³⁶

É a partir dessa ruptura de pensamento vivenciada entre as primeiras décadas do século XX que se passou a fundamentar as bases para uma verdadeira “virada” linguística. Nesse contexto, ramificações de pensamento passam a ser consideradas como sucessoras dos “pontos desatados” articulados pelos mestres anteriores. O Círculo de Viena, em especial na pessoa de Carnap, vai encontrar no realismo filosófico britânico de Bertrand Russell e G. E. Moore (1873-1958) e na relação entre análise do pensamento como análise da linguagem presente em Gottlob Frege (1848-1925) as bases para a continuação do desenvolvimento da filosofia analítica;³⁷ o Wittgenstein das *Investigações* irá deixar um “caminho aberto” para a filosofia da linguagem ordinária trilhar, na qual os

36. Cf. HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução e organização de Fausto Castilho. Campinas, SP; Petrópolis, RJ: Unicamp; Vozes, 2012.

37. Sobre a controvérsia histórico-intelectual das origens da filosofia analítica, ver as coletâneas de ensaios em DUMMETT, Michael. **Origins of Analytical Philosophy**. Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1996; GLOCK, Hans-Johann. (ed.). **The Rise of Analytic Philosophy**. Oxford: Blackwell, 1997; e GLOCK, Hans-Johann. **What Is Analytic Philosophy?** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

protagonistas serão J. L. Austin (1911-1960) e J. R. Searle (1932-);³⁸ pouco antes disso, o psicologismo fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938) vai ser seguido pela fenomenologia hermenêutica de Heidegger, a qual, por sua vez, encontra em Wittgenstein uma mente distante, mas filosoficamente próxima.³⁹

2.1. LINGUISTIC TURN E A SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO BRITÂNICO

Até agora vimos que o *linguistic turn* foi na verdade fruto de um contexto bem mais complexo na filosofia do que uma mera “virada”, tendo de fato representado uma “reviravolta” que resultou numa série de disputas sobre os rumos que a filosofia deveria tomar. O legado de Wittgenstein, sua própria mudança de rumo do *Tractatus* para as Investigações, a interpretação feita de seu pensamento que originou a rivalidade entre filósofos da linguagem ordinária e empiristas lógicos explicam parcial, mas não totalmente, o contexto britânico do *linguistic turn*.

A questão é que boa parte da comunidade filosófica britânica ficou em polvorosa com a publicação do *Tractatus*. Wittgenstein havia estudado em Cambridge e teve na universidade interlocuções importantes com acadêmicos de relevo por lá, sendo o mais notório deles Bertrand Russell, que à época já era um professor internacionalmente conhecido, com livros publicados e bem vendidos. Russell primeiramente serviu como uma espécie de orientador e mentor de Wittgenstein em Cambridge, para depois se render à genialidade do “protegido”.⁴⁰

O interesse pelos pensamentos articulados no *Tractatus* era autoevidente: sendo um dos estudiosos mais reconhecidos no campo da lógica, Russell se sentiu desafiado ao ler o manuscrito da obra em 1919, assim como os personagens do Círculo de Viena haveriam de se sentir alguns anos depois. A diferença entre Russell e os filósofos de Viena é que ele parecia ao menos compreender o caráter especulativo da filosofia de Wittgenstein, em oposição ao rigor metodológico comum e peculiar dos membros do círculo. Isso fica claro quando registros atestam sua perple-

38. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea. *op. cit.*, p. 149-200.

39. Wolfram Eilenberger, Ernilo Stein e Lenio Streck aproximam o segundo Wittgenstein de Heidegger. Para uma obra que trabalha aproximações e diferenças, cf. GIANNOTTI, J. A. **Heidegger/Wittgenstein: confrontos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

40. MONK, Ray. **Ludwig Wittgenstein**. *op. cit.*, p. 41-55.

xidade ao ler o *Tractatus*, que permaneceu por um longo período como “incompreensível”,⁴¹ mesmo para os pares mais brilhantes de Wittgenstein.

Quando Wittgenstein afirma no prefácio de sua obra que ele teria “resolvido todos os problemas” da filosofia, ele está falando não só dos problemas de filosofia da linguagem deixados por Russell e Frege — os mestres que viam nele potencial para dar o “próximo grande passo” na história da filosofia —, mas também as dúvidas linguísticas levantadas naquele “império caído”.⁴² A verdade é que, após a Primeira Guerra, Viena recebe a obra de Wittgenstein com “profunda incompreensão”, fato que vai mudar após o esforço hercúleo para a publicação de sua obra e sua tradução para uma edição inglesa, prefaciada por Russell. Nota-se, assim, que Russell, G. E. Moore (ambos participaram da banca que confere o grau de doutor a Wittgenstein com o *Tractatus*) conseguiram de modo paradoxal, justamente pela incompreensão, entender o caráter especulativo que distinguia Wittgenstein daqueles filósofos que, inspirados por uma interpretação analítica do *Tractatus*, seriam dispensados como pupilos pelo “mestre” em Viena posteriormente.

O ambiente acadêmico filosófico britânico, por sua vez, sempre afeito a ritos e tradições mult centenárias, demorou a sentir os efeitos do *linguistic turn*, o qual ficaria de fato nesses primeiros anos posteriores à publicação do *Tractatus* mais restrito a Cambridge. De todo modo, a obra influenciaria, como se verá nos próximos capítulos, a filosofia definitivamente. Por ora, nas primeiras décadas do século XX, o contexto da filosofia britânica se encontrava envolvido em outras polêmicas, as quais evidentemente diziam muito a respeito das discussões propostas por Wittgenstein, só não haviam sido “descobertas” ainda pelos teóricos de então.

Enquanto dentro do contexto específico do *linguistic turn* se travava uma batalha pelo “futuro” legado de Wittgenstein, enquanto o mesmo havia “desistido da filosofia” após resolver “de vez, todos os seus problemas”,⁴³ o estudo dos “clássicos” em Oxford se debatia com outra polêmica que envolvia os filósofos realistas e os contrários a esse posicionamento. Nessa época, havia uma concepção que mais tarde seria definida por

41. EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de mágicos**. op. cit., p. 84.

42. *Ibid.*, p. 87.

43. *Ibid.*

Gadamer como “história efetual” (*Wirkungsgeschichte*).⁴⁴ Muitos desses filósofos “realistas” se posicionavam de maneira semelhante à posição que os membros do Círculo de Viena assumiriam depois, refutando o “idealismo” na filosofia em favor de um conhecimento prático e lógico. Os ideais eram os mesmos: aproximar a filosofia da ciência, alguns a partir de Bacon e Descartes, outros através da lógica, mas a finalidade em suma era distanciá-la da metafísica.

Dessa forma, os realistas se apoiavam na ideia de que o conhecimento filosófico deveria ser aprendido e criticado, à luz dos problemas presentes. Assim, a filosofia se distanciaria, também, da história. A conclusão desses autores é que a história não agregaria questões aos problemas filosóficos. Seriam coisas separadas. Isso faria com que problemas filosóficos se mantivessem “imunes” à história, como por exemplo nas obras que tratam de filosofia política. Em *A República* de Platão se discutiria o mesmo problema que no *Leviatã* de Thomas Hobbes. Ambas seriam obras que abordam o Estado, independentemente do contexto histórico que suscitam.⁴⁵

Um filósofo que se levantou contra essa tendência na filosofia britânica de racionalizar problemas filosóficos ahistoricamente foi R. G. Collingwood, contemporâneo de Wittgenstein, mas professor em Oxford. A sua preocupação central, no entanto, seria com aquilo que ele chama de “reaproximação entre filosofia e história”,⁴⁶ antes que na sua opinião nunca deveriam ter sido separados, sendo necessário compreender problemas filosóficos historicamente, antes de qualquer intenção de refutá-los. Apesar de uma vida curta, sua obra influenciará muito Quentin Skinner e a Escola de Cambridge no futuro.⁴⁷ Nesse sentido, não há como falar de *linguistic turn* na Inglaterra sem o *historical turn* de Collingwood (e posteriormente de Michael Oakeshott, na visão de J. G. A. Pocock),⁴⁸ os quais praticamente fundaram os esforços por uma filosofia da história em terras britânicas. Historicidade e linguagem caminharão lado a lado.

44. Cf. GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ; Bragança Paulista, SP: Vozes; Editora da Universidade São Francisco, 2004.

45. COLLINGWOOD, R. G. **An Autobiography**. Oxford: Oxford University Press, 1939. p. 61-62.

46. “Rapprochement between philosophy and history” *ibid.*, p. 77. .

47. Quentin Skinner reconhece a dívida para com Collingwood em SKINNER, Quentin. The Rise of, Challenge to, and Prospects for a Collingwoodian Approach to the History of Political Thought. In: CASTILGIONE, D.; HAMPsher-MONK, I. (ed.). **The History of Political Thought in National Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 175-188.

48. BROWNING, Gary. **A History of Modern Political Thought: The Question of Interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 51-57.

2.2. COLLINGWOOD E A FILOSOFIA DA (SUA PRÓPRIA) HISTÓRIA

Robin George Collingwood (1889-1943) é um filósofo britânico que participou mais silenciosamente dessa “revolução copernicana” do início do século XX, muito por conta de ser conhecido por sua associação ao idealismo britânico,⁴⁹ mas sua influência foi sentida já nas décadas contemporâneas à publicação de suas obras e posteriores a sua morte, que veio muito cedo, quando contava com apenas 53 anos.

Justamente por ter uma saúde frágil, e por isso ter flertado com o fim da vida inúmeras vezes, Collingwood aproveitou tais momentos o máximo que podia para deixar sua contribuição. O maior exemplo disso por ter sido sua autobiografia, publicada em 1939, que foi escrita às pressas justamente com o intuito de expor suas principais ideias a tempo em um momento de instabilidade de sua saúde.

A proposta pela qual Collingwood é mais conhecido é seu *rap-prochement* entre filosofia e história.⁵⁰ Essa intenção teórica demonstra as consequências do *linguistic turn*, o arquétipo daquele momento e como o filosofar “convencional” da época, subjetivista e racionalista, já encontrava seus desafiadores. Collingwood trilhou um caminho similar ao de outros filósofos mais associados ao *linguistic turn*, apenas o fez por outros termos, desafiando os realistas de Oxford e posteriormente os próprios analíticos.⁵¹

A própria condição que o fez articular suas teorias dentro de um exercício autobiográfico já demonstra a sua particularidade, que atraiu muitos olhares de jovens filósofos posteriormente.⁵² Collingwood era de fato um jovem interessado em história, que acabou encontrando a filosofia como ofício, mas tinha a arqueologia como *hobbie*. O seu interesse pessoal pela arqueologia transparecia algo central em seu pensamento: a ideia de que não haveria uma separação entre teoria e prática, assim

49. Collingwood rejeitava ele mesmo o rótulo, evidência obtida em correspondência sua com o filósofo Gilbert Ryle. D'ORO, Giuseppina; CONNELLY, James. Robin George Collingwood. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/collingwood/>. Acesso em 21 abr. 2023 (Winter 2020 Edition).

50. Além de ser conhecido por seu trabalho precursor na Inglaterra sobre filosofia da história, Collingwood é um filósofo cuja obra se estendeu por inúmeras áreas, compreendendo metafísica, metafilosofia, estética e arqueologia.

51. D'ORO, Giuseppina; CONNELLY, James. Robin George Collingwood., *op. cit.*

52. Cf. TWINING, William. R. G. Collingwood's Autobiography: One Reader's Response. **Journal of Law and Society**, v. 25, n. 4, p. 603-620, dez. 1998.

como a filosofia e a história. Para Collingwood, sua ideia de história era prática, e isso pode ser levado em consideração graças ao seu *hobbie* de arqueólogo; já a filosofia era seu ofício. Mas uma coisa não poderia estar apartada da outra.⁵³

Esse conflito entre suas diferentes personas é exposto na autobiografia. Sua visão ética dependia inclusive do reconhecimento de que uma reconstrução filosófica moral restaria incompleta tão logo seus hábitos fossem baseados na divisão vulgar entre homens pensadores e homens de ação. Collingwood lidava com tal conflito interno da seguinte maneira: para ele, haveria diferentes “versões” suas: havia um primeiro Collingwood, que sabia que a divisão entre teoria e prática era falsa, sendo mutuamente dependentes, e que ambas sofreriam igualmente se fossem separadas como competências específicas em diferentes disciplinas; havia um segundo Collingwood, que nos seus “hábitos diários” naturalmente separava o “pensador profissional”, separado pelos portões universitários das questões da vida prática. Mas haveria ainda um terceiro Collingwood, o “homem de ação”, cujos sonhos e vocações (como a de arqueólogo) afetavam e “tornavam cristalina” sua filosofia.

Seus hábitos e sua filosofia, então, pareciam estar em constante conflito. Collingwood lamenta que “vivía como se não acreditasse na sua própria filosofia e que filosofava como se não fosse o pensador profissional que era.”⁵⁴ Isso só releva o grau de comprometimento ético entre uma vida bem vivida e sua coerência com o seu próprio pensamento filosófico. Essa coerência é chave no pensamento *collingwoodiano*, pois foi o que levou sua obra a uma oposição ao movimento “realista” que havia na filosofia de Oxford, sua *alma mater*.⁵⁵

Os realistas eram encarados por Collingwood como a corrente “majoritária” na filosofia em Oxford no período.⁵⁶ Na sua autobiografia ele cita que seus desacordos com essa visão cética, que reduzia a filo-

53. COLLINGWOOD, R. G. **An Autobiography**. *op. cit.*, p. 143.

54. “There was a first R. G. C. who knew in his philosophy that the division was false, and that ‘theory’ and ‘practice’, being mutually dependent, must both alike suffer frustration if segregated into the specialized functions of different classes. There was a second R. G. C. who in the habits of his daily life behaved as if it had been sound; living as a professional thinker whose college gate symbolized his aloofness from the affairs of practical life. My philosophy and my habits were thus in conflict; I lived as if I disbelieved my own philosophy, and philosophized as if I had not been the professional thinker that in fact I was. (...) [T]here was a third R. G. C. [...] was a man of action, or rather he was something in which the difference between thinker and man of action disappeared.” *Ibid.*, p. 150-152.

55. *Ibid.*, p. 44-52.

56. Cf. KRISHNAN, Nikhil. **A Terribly Serious Adventure**: Philosophy at Oxford (1900-60). London: Profile Books, 2023. p. 124-127.

sofia a “resolver problemas e provar se determinados filósofos estavam certos ou errados” começaram cedo, quando ainda não havia se tornado professor. Além disso, para ele, a filosofia analítica seria apenas “a mais recente manifestação de uma velha tendência cética da filosofia”, que agora estaria sendo “extendida às aspirações da própria filosofia”⁵⁷ como um todo. Collingwood, contudo, não achava produtivo polemizar com tais autores, muitos deles mais experientes que ele próprio. Decidiu, então, ele mesmo, ao iniciar sua carreira docente, implementar uma práxis com seus alunos a fim de compreender o texto a partir do problema que o autor em questão estava querendo resolver.⁵⁸

Com efeito, Collingwood procurava demonstrar uma metodologia historiográfica própria que se aproximava do que viria a ser construído posteriormente pelo seu *rapprochement* entre filosofia e história, a qual ele denominava de “perguntas e respostas”.⁵⁹ Para ele, um historiador não pode afirmar o que uma proposição significa a menos que saiba qual pergunta quer responder: “você errará seu significado se errar a pergunta.” Cada pergunta, para Collingwood, “tem de emergir (...). Cada resposta deve ser a resposta ‘correta’ para a pergunta que afirma responder.”⁶⁰

Essa atenção para com a possibilidade de interpretações corretas da história pode ter sido o que fez com que muitos o associassem a um certo “idealismo britânico”. Mas o que se evidencia mesmo da leitura de suas memórias é muito mais uma dissidência com os realistas do que de fato uma adesão a qualquer tipo de idealismo. No sexto capítulo de sua autobiografia, “The Decay of Realism”, isso se mostra claro. Collingwood critica o movimento que pretende a “extrusão da ética do corpo da filosofia”,⁶¹ notando que mesmo em Cambridge, com Bertrand Russell, essa tendência parecia estar dominando o campo.

57. “He [Collingwood] saw analysis as the most recent manifestation of an old sceptical tendency in philosophy, now being extended to the aspirations of philosophy itself.” *Ibid.*, p. 125. Ver, também, COLLINGWOOD, R. G. **An Essay on Philosophical Method**. Oxford: Clarendon Press, 2005 [1933].

58. “What I wanted was to train my audience in the scholarly approach to a philosophical text, leaving on one side, as sufficiently provided by other teacher, the further business of criticizing its doctrine.” *Ibid.*, p. 27.

59. “Question and answer.” *Ibid.*, p. 29-43. Essa lógica irá reaparecer como um tópico específico em *Verdade e Método*, de Gadamer, décadas depois, atestando a influência collingwoodiana.

60. “Each question had to ‘arise’; there must be that about it whose absence we condemn when we refuse to answer a question on the ground that it ‘doesn’t arise’. Each answer must be ‘the right’ answer to the question it professes to answer.” *Ibid.*, p. 37.

61. “And Bertrand Russell at Cambridge proposed in the same spirit [“mesmo espírito” que os realistas de Oxford], and on grounds whose difference was only superficial, the extrusion of ethics from the body of philosophy.” *Ibid.*, p. 47.

Em uma de suas críticas mais duras, Collingwood chega a afirmar que os realistas estariam, pouco a pouco, destruindo tudo que havia sido produzido em matéria de doutrina positiva (normativa) até então. Esse problema se tornava, para ele, especialmente problemático em relação à teoria política, pois os realistas, ao seu ver, estariam “revivendo velhos ataques positivistas à metafísica”, deixando um legado de “preconceito geral à filosofia como tal”. Collingwood não esconde sua crítica aos maiores “herdeiros” desse legado realista. Ele está falando de Bertrand Russell e A. N. Whitehead, que estariam, nas palavras do rival, “criando castelos de cartas a partir de um monte de mentiras”. Para Collingwood, “a filosofia a partir da lógica proposicional”⁶² propagada por Russell, Whitehead e Moore estaria relacionada ao realismo de Oxford, o que seria um mau sinal, tendo em vista o ceticismo e a negação de qualquer normatividade.

Collingwood admite que os realistas, de fato, são orgulhosos, pois acreditam ter transformado as escolas de filosofia do lugar comum da “oratória, que envolvia a velha e a má teoria de que a filosofia moral é ensinada com a ideia de fazer dos pupilos homens melhores”. O ceticismo dos realistas — que nesse ponto acompanha as intenções do Circulo de Viena — é visto como “leviana”, pois tornaria a filosofia “tão científica que ninguém cuja vida não fosse totalmente dedicada à pesquisa poderia apreciar.”⁶³

Para concluir, pode-se dizer que Collingwood apreciava a filosofia vivida, não distinguindo a prática da teoria. Para ele, uma filosofia que não fosse interessante e útil ao dia a dia não teria aplicabilidade. Percebe-se, portanto, como o filósofo já esboçava os fundamentos de muitos dos argumentos que viriam a ser protagonizados por filósofos do *linguistic turn*. O ápice de sua obra, cujo produto final foi a publicação póstuma de *The Idea of History*,⁶⁴ em 1946, organizada por um de seus diletos alunos, T. M. Knox, que posteriormente viria a se tornar ele próprio um conhecido professor.

62. “[P]ropositional logic [...] has left not only a heritage of general prejudice against philosophy as such, but a partial heir. Its propositional logic, as worked out by Bertrand Russell and A. N. Whitehead, has inspired a school of thought which is continuing the good work of jettisoning whatever can be recognized as positive doctrine by reviving the old positivist attack on metaphysics.” *Ibid.*, p. 52.

63. “[...] oratory which was involved in the bad old theory that moral philosophy is taught with a view to making pupils better man. [...] a philosophy so scientific that no one whose life was not a life of pure research could appreciate it.” *Ibid.*, p. 51.

64. Cf. COLLINGWOOD, R. G. **The Idea of History**. Oxford: Clarendon Press, 1946.

A proposta elaborada em *The Idea of History* é uma expansão do que já havia sido elaborado previamente por Collingwood em sua autobiografia. Trata-se da tese de haver uma necessidade de uma transição da história da filosofia para a filosofia da história. Isso permitiria tratar a história racionalmente, isto é, filosoficamente, como uma ciência. Mas ele não iguala a ciência histórica às ciências naturais. O ofício do historiador seria, na sua visão, “recuperar o pensamento” (*reenactment*), mas isso envolveria “interpretação de evidência”. Por isso, em Collingwood, “toda a história é história do pensamento”, pois o autor leva em conta o pensamento interpretado e o pensamento do próprio historiador. O que diferencia Collingwood de autores realistas é que ele acreditava que esse processo poderia ser conduzido racionalmente, conferindo à interpretação certo grau de objetividade. O valor moral do estudo histórico residiria “na capacidade de mostrar como atores [históricos] lidam com situações únicas que são ‘distintas de’ e ‘insuscetíveis a’ regras gerais.”⁶⁵

Num dos ensaios presentes em *The Idea of History*, “History as Re-enactment of Past Experience”, Collingwood sublinha que a interpretação é o fator que diferencia a compreensão de fenômenos históricos e fenômenos naturais. O conhecimento histórico consiste em repensar o que o agente estudado planejava “fazer e pensar em situações passadas à luz de uma avaliação crítica das evidências disponíveis.”⁶⁶

Assim, o pensamento em Collingwood é elemento central para compreender porque um historiador pode interpretar a história racionalmente. Ele defende que a noção de “verdade histórica pressupõe que o mesmo pensamento pode ser repensado em diferentes ocasiões”, apesar de haver diferenças envolvidas nesse ato de repensar, “nas quais circunstâncias contextuais do presente asseguram que um pensamento recuperado do passado forma diferentes repertórios de pensamentos mantidos por historiadores.”⁶⁷

65. “The moral value of the study of history resides precisely in its capacity to show how actors deal with unique situations that are distinct from and insusceptible to general rules.” BROWNING, Gary. **A History of Modern Political Thought**. *op. cit.*, p. 48.

66. “Historical understanding consists in the interpretation of past thought and action by rethinking what agents aimed to do and to think in past situations in the light of the critical evaluation of the available evidence.” *Ibid.*, p. 53. *Cf.*, também, COLLINGWOOD, R. G. **The Idea of History**. *op. cit.*, p. 282-302.

67. “[...] historical truth assumes that the same thought can be rethought on different occasions, though there is a difference as well as sameness involved in its rethinking, in the contextual circumstances of the present ensure that a recovered past thought forms part of a different repertoire of thoughts that are maintained by the historian”. BROWNING, Gary. **A History of Modern Political Thought**. *op. cit.*, p. 54.

Tanto a negação do ceticismo quanto a sua noção normativa, clamam pela relevância de Collingwood para a reviravolta vivenciada na filosofia. Em um momento de negação da metafísica pelos logicistas e realistas, que afirmavam não haver uma conexão entre filosofia e história, Collingwood argumentava que a história não poderia ser vista como um “mero instrumento” à disposição do filósofo, sendo a história da filosofia um conjunto de anedotas sobre os filósofos a serem estudados. A isso ele chamava de “*scissors-and-paste history*”,⁶⁸ prática que deveria ser abandonada por qualquer estudioso que levasse a filosofia ou a história a sério.

Quando assume a história como condição de possibilidade, Collingwood indiretamente se aproximava de outro filósofo que estava prestes a encontrar um “novo caminho” para sua teoria, se afastando da lógica propositiva do antigo mestre Russell e agora dos “pupilos” renegados em Viena. Trata-se de Wittgenstein, que nessa nova fase irá “consumar” o *linguistic turn* a partir de uma pragmática analítica, distante das intenções originais de “resolver todos os problemas da filosofia”. Sua proposta genuína era “aceitar” a linguagem como “condição de possibilidade para a constituição do conhecimento enquanto tal”,⁶⁹ da qual todos comungamos, como jogadores ao redor de um tabuleiro.

2.3. WITTGENSTEIN DE VOLTA A CAMBRIDGE E O SEGUNDO MOMENTO EM SUA FILOSOFIA

Wittgenstein retornou a Cambridge no dia 18 de janeiro de 1929, depois de uma série de reviravoltas pessoais fazerem com que ele percebesse que aquela era, discutivelmente, sua única opção como filósofo, ainda que ele detestasse o ambiente acadêmico.⁷⁰

Algumas figuras acadêmicas, contudo, tiveram o privilégio de fugir à regra. Uma delas era a de Frank Ramsey (1903-1930), um dos tradutores para o inglês do *Tractatus*, que acabou se tornando amigo de Wittgenstein. Às discussões com Ramsey, Wittgenstein atribuiu uma ajuda “em um grau em que eu mal posso estimar” para que ele pudesse notar os “erros” teóricos cometidos no *Tractatus*. Tais erros, segundo Monk,⁷¹

68. COLLINGWOOD, R. G. *An Autobiography*. *op. cit.*, p. 106; 114; 116. A expressão *scissors-and-paste history* é de difícil tradução, mas podemos livremente traduzi-la por “história ‘copie e cole’”.

69. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea. *op. cit.*, p. 128.

70. Cf. os detalhes da opinião de Wittgenstein sobre a academia em MONK, Ray. *Wittgenstein*. *op. cit.*

71. *Ibid.*, p. 273-274.

dariam início aos desenvolvimentos tardios da filosofia de Wittgenstein, culminando na redação de sua segunda grande obra, *Investigações Filosóficas*, que por sua vez só seria publicada postumamente.

Apesar de estar de volta a Cambridge, Wittgenstein fazia questão de não manter contato com figuras acadêmicas famosas. No entanto, se houve uma segunda exceção além de Ramsey, foi sem dúvida a do economista italiano marxista Piero Sraffa. Refugiado do regime de Mussolini por ser membro do Partido Comunista, Sraffa se tornou para Wittgenstein um interlocutor inusitado, mas não menos importante. No prefácio das *Investigações*, Wittgenstein chega a admitir que estava em dívida com Sraffa pelas críticas que geraram o estímulo para a escrita do livro.⁷²

A reviravolta teórica vivida por Wittgenstein pode ser mais facilmente ilustrada a partir dos diálogos entre ele e Sraffa. Em um momento em que Wittgenstein ainda estava crente em seus pressupostos lógicos do *Tractatus*, como a tese de que uma proposição e o que ela a descreve deveria ter a mesma “forma lógica” ou gramatical, Sraffa, fazendo o gesto tipicamente italiano de coçar o queixo com a ponta dos dedos, perguntou: “qual é a forma lógica disso?”⁷³ A partir desse diálogo, para Wittgenstein, foi se desconstruindo a ideia que ele havia desenvolvido antes de que “uma proposição deve ser uma descrição da realidade que prescreve.” Sua filosofia estava mudando.

Uma possível interpretação da filosofia do “segundo Wittgenstein” é, justamente, a sua “abordagem antropológica”. Nas *Investigações* ele “ênfatiza a importância do ‘fluxo da vida’ que dá aos discursos linguísticos seu significado.”⁷⁴ A cotidianidade, as atividades e o modo de vida das comunidades dão significado na e pela linguagem. Compreender esse significado é, então, compreender a forma como certa comunidade *joga* com a linguagem. Surge, então, um dos principais termos desse seu novo momento filosófico: os jogos de linguagem.⁷⁵

72. WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. 3. ed., com index. Traduzido por G. E. M. Ascombe. Oxford: Basil Blackwell, 1967. p. viii.

73. “What is the logical form of that?” MONK, Ray. **Wittgenstein**. *op. cit.*, p. 260.

74. “[...] emphasizes the importance of the ‘stream of life’ which gives linguistic utterances their meaning: a ‘language game’ cannot be described without mentioning their activities and the way of life of the ‘tribe’ that plays it.” *Ibid.*, p. 261.

75. *Ibid.*, p. 364-365.

Na contramão do que se ventilava na filosofia do início do século XX, Wittgenstein caminhava para afirmar que a filosofia não poderia nunca ser uma ciência, justamente porque nela não há nada para ser descoberto. Isso seria, para ele, penetrar para além da mística da filosofia. Compreender a filosofia a partir da cotidianidade e indeterminabilidade linguística seria, nesse novo momento, essencial. Respondendo aos “discípulos sem mestre” Waismann e Schlick, ele afirma que a “atividade” é anterior às regras e à teoria [lógicas]. “Isso vale tanto para a linguagem e a matemática quanto para a ética, a estética e a religião: ‘[d]esde que eu possa jogar o jogo, eu posso jogá-lo, e está tudo bem.’”⁷⁶ Daí por que Manfredo de Oliveira e outros autores chamam essa segunda fase de Wittgenstein de “pragmática analítica”.

A virada estava, portanto, posta. Se na primeira vinda de Wittgenstein a Cambridge o que mais o entusiasmou eram as descobertas de Russell sobre as contradições da lógica de Gottlob Frege, agora ele queria declarar essas contradições como sendo triviais; declarar que, uma vez que a neblina some, “se percebe que o verdadeiro problema não eram as contradições em si, mas a visão imperfeita que fez com que elas parecessem dilemas interessantes e importantes.”⁷⁷

Uma das chaves centrais de leitura para a compreensão do pensamento wittgensteiniano é sua “recusa total”⁷⁸ em apresentar conclusões gerais. Mesmo para o leitor de filosofia iniciado, isso não é trivial. Estamos acostumados com a leitura de filósofos que defendem uma tese, tentam nos persuadir de que essa tese está certa. Wittgenstein não está preocupado em provar um ponto, mas sim em justificar que “provar pontos” é algo inócua quando se trata de filosofia: “o que estamos destruindo é nada menos que castelos de cartas, estamos limpando o chão da linguagem no qual eles estão.”⁷⁹

Outra forma de definir a diferença entre o Wittgenstein do *Tractatus* e o Wittgenstein das *Investigações* e outras obras posteriores é definida por Monk como a presença de um “solipsismo ao qual ele estava anteriormente

76. “As long as I can play the game, I can play it, and everything is all right.” *Ibid.*, p. 306.

77. “He now wanted to declare such contradictions trivial, to declare that, once the fog had cleared and these sorts of problems had lost their nimbus, it could be seen that the real problem was not the contradictions themselves, but the imperfect vision that made them look like important and interesting dilemmas.” *Ibid.*

78. “[...] complete refusal [...]” *Ibid.*, p. 338.

79. “What we are destroying is nothing but houses of cards and we are clearing up the ground of language on which they stand.” WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. *op. cit.*, p. 48 (§118).